

EL POETA ES UN FINGIDOR
ANTOLOGÍA POÉTICA

DEL «CANCIONERO» (1909-1935)
DE FERNANDO PESSOA

DEL «CANCIONERO» (1909-1935)
DE FERNANDO PESSOA

Às vezes, em sonho triste
Nos meus desejos existe
Longinquamente um país
Onde ser feliz consiste
Apenas em ser feliz.

Vive-se como se nasce
Sem o querer nem saber.
Nessa ilusão de viver
O tempo morre e renasce
Sem que o sintamos correr.

O sentir e o desejar
São banidos dessa terra.
O amor não é amor
Nesse país por onde erra
Meu longínquo divagar.

Nem se sonha nem se vive:
É uma infância sem fim.
Parece que se revive
Tão suave é viver assim
Nesse impossível jardim.

A veces, y el sueño es triste,
en mis deseos existe
lejanamente un país
donde ser feliz consiste
solamente en ser feliz.

Se vive como se nace,
sin querer y sin saber.
En esa ilusión de ser,
el tiempo muere y renace
sin que se sienta correr.

El sentir y el desear
no existen en esa tierra.
Y no es el amor amar
en el país donde yerra
mi lejano divagar.

Ni se sueña ni se vive:
es una infancia sin fin.
Y parece que revive
ese imposible jardín
que con suavidad recibe.

2

Eis-me em mim absorto
Sem o conhecer
Bóio no mar morto
Do meu próprio ser.

Sinto-me pesar
No meu sentir-me água...
Eis-me a balancear
Minha vida-mágoa.

Barco sem ter velas...
De quilha virada...
O céu com estrelas
É frio como espada.

E eu sou vento e céu...
Sou o barco e o mar...
Só que não sou eu...
Quero-o ignorar.

3

ALGA

Paira na noite calma
O silêncio da brisa...
Acontece-me à alma
Qualquer coisa imprecisa...

Uma porta entreaberta...
Um sorriso em descrença...

2

Absorto e incierto
y sin conocer,
floto en el mar muerto
de mi propio ser.

Me siento pasar
porque agua me siento...
Te veo oscilar,
vida-descontento...

De velas privado...
La quilla virada...
El cielo estrellado
frío como espada.

Soy cielo y soy viento...
Soy barco y soy mar...
Que no soy yo siento...
Lo quiero ignorar.

3

ALGA

Pasa en la noche calma
el callar de la brisa...
Me sucede en el alma
cualquier cosa imprecisa...

Una puerta entreabierta...
Un sonreír dudando...

Uma ânsia que não acerta
Com aquilo em que pensa.

Sonha, duvida, elevo-a
Até quem me suponho
E a sua voz de névoa
Roça pelo meu sonho...

4

Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
Preso por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão nocturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.

5

L'HOMME

Não: toda a palavra é a mais. Sossega!
Deixa, da tua voz, só o silêncio anterior!
Como um mar vago a uma praia deserta, chega
Ao meu coração a dor.

Una ansia que no acierta
con lo que está pensando.

Sueña, duda, la elevo
hasta quien ser presumo,
y al sueño que en mí llevo
roza su voz de humo.

4

Súbita mano de un fantasma oculto,
mis sueños y la noche atravesando,
me sacude y despierto; y, desmayando,
no descubro en la noche gesto o bulto.

Mas un terror antiguo, que insepulto
traigo en el corazón, como bajando
de un trono, mi señor se está afirmando
sin órdenes, sin gesto y sin insulto.

Y yo siento a mi vida de repente
presa por una cuerda de Inconsciente
a una mano nocturna que me guía.

Siento que nadie soy salvo una sombra
de un bulto que no veo y que me asombra
y existo en nada, cual tiniebla fría.

5

L'HOMME

No: toda palabra sobra. ¡Sosiega!
¡Deja, de tu voz, sólo el silencio anterior!
Como un mar vago a una playa desierta, llega
a mi corazón el dolor.

Que dor? Não sei. Quem sabe saber o que sente?
Nem um gesto. Sobreviva apenas ao que tem que morrer
O luar e a hora e o vago perfume indolente
E as palavras por dizer.

6

Quando era jovem, eu a mim dizia:
Como passam os dias, dia a dia,
E nada conseguido ou intentado!
Mais velho, digo, com igual enfado:
Como, dia após dia, os dias vão,
Sem nada feito e nada na intenção!
Assim, naturalmente, envelhecido,
Direi, e com igual voz e sentido:
Um dia virá o dia em que já não
Direi mais nada.
Quem nada foi nem é não dirá nada.

7

Pobre velha música!
Não sei porque agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.

¿Qué dolor? No sé. ¿Quién sabe saber lo que siente?
Ni un gesto. Sobreviva tan sólo lo que ha de morir:
la luz de la luna y la hora y el vago perfume indolente
y las palabras por decir.

6

Cuando era joven, yo a mí me decía:
¡Cómo pasan los días, día a día,
sin nada conseguido o intentado!
Mas, viejo, digo, con el mismo enfado:
¡Cómo, día tras día, todos son
sin nada hecho y sin nada en la intención!
Así, naturalmente, envejecido,
diré con igual voz e igual sentido:
un día vendrá el día en el que no
diré ya nada.
Quien nada fue ni es no dirá nada.

7

¡Pobre vieja música!
No sé por qué agrado
se llena de lágrimas
mi mirar parado.

Recuerdo otro oírte.
No sé si te oí
en la infancia que
me recuerda en ti.

¡Con qué ansia tan rabia
quiero aquel otrora!
¿Fui feliz? No sé:
lo fui otrora ahora.

Sol nulo dos dias vãos,
 Cheios de lida e de calma,
 Aquece ao menos as mãos
 A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando
 A mão que por ela passe
 Com externo calor brando
 O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa
 E a fraqueza que ela tem,
 Dá-nos ao menos a força
 De a não mostrar a ninguém!

Trila na noite uma flauta. É de algum
 Pastor? Que importa? Perdida
 Série de notas vaga e sem sentido nenhum.
 Como a vida.
 Sem nexo ou princípio ou fim ondeia
 A ária alada.
 Pobre ária fora de música e de voz, tão cheia
 De não ser nada!

Não há nexo ou fio por que se lembre aquela
 Ária, ao parar;
 E já ao ouvi-la sofro a saudade dela
 E o quando cessar.

¡Sol nulo de días vanos,
 llenos de trajín y calma,
 calienta al menos las manos
 a quien no entras en el alma!

¡Y que la mano, rozando
 a la que pasa a su lado,
 con exterior calor blando
 disfrace el ánimo helado!

Señor, si es nuestro el dolor
 y sus cobardes extremos,
 concédenos el valor
 de que a nadie los mostremos.

Trina en la noche una flauta. ¿Es el silbido
 de un pastor? ¿Qué importa? Perdida
 serie de notas vagas y sin ningún sentido.
 Como la vida.

Sin nexo o principio o fin suena
 el aria alada.

¡Pobre aria al margen de música y de voz, tan llena
 de no ser nada!

No hay hilo o nexo que recuerde a aquella
 aria, al pasar;
 y ya al oírla sufro una añoranza de ella
 y de que va a cesar.

Hoje, neste ócio incerto
 Sem prazer nem razão,
 Como a um túmulo aberto
 Fecho meu coração.

Na inútil consciência
 De ser inútil tudo,
 Fecho-o, contra a violência
 Do mundo duro e rudo.

Mas que mal sofre um morto?
 Contra que defendê-lo?
 Fecho-o, em fechá-lo absorto,
 E sem querer sabê-lo.

Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança
 Só a quem já confia!
 É só à dormente, e não à morta, esperança
 Que acorda o teu dia.

A quem sonha de dia e sonha de noite, sabendo
 Todo o sonho vão,
 Mas sonha sempre, só para sentir-se vivendo
 E a ter coração.

A esses raios sem o dia que trazes, ou somente
 Como alguém que vem
 Pela rua, invisível ao nosso olhar consciente,
 Por não ser-nos ninguém.

Hoy, en este ocio incierto
 sin placer ni razón,
 como un túmulo abierto
 cierro mi corazón.

En la inútil conciencia
 de que todo es en vano,
 lo cierro a la violencia
 de este mundo inhumano.

Mas ¿qué mal sufre un muerto?
 ¿Contra qué defenderlo?
 Lo cierro absorto, es cierto,
 mas sin querer saberlo.

¡Mañana de los otros! ¡Oh sol que das confianza
 sólo a quien ya confía!
 Tan sólo a la dormida, no a la muerta esperanza
 se despierta tu día.

A quien sueña de día y de noche, sabiendo
 que vanos sueños son,
 mas sueña siempre sólo por saberse viviendo
 y con un corazón.

Para esos rayos sin tu día, o solamente
 como alguien que ha venido
 por la calle, invisible a la vista consciente,
 porque nos es desconocido.